

LIBRARY

THE UNIVERSITY OF CHICAGO
CHICAGO, ILL.

PREÇO 160 RÉIS

Vende-se nas livrarias de Lisboa, Coimbra
e Porto

9

OS LITTERATOS EM LISBOA

1523

POEMETO

POR

A. FERREIRA DE FREITAS

ILLUSTRADO

POR

Jeronymo da S. Motta

BACHAREL NAS FACULDADES DE THEOLOGIA E DIREITO.



COIMBRA

IMPrensa LITTERARIA

1865

N

AOS

IDEALISTAS LISBONENSES



O AUCTOR.

HARVARD COLLEGE LIBRARY
FROM THE LIBRARY OF
FERNANDO PALHA
DECEMBER 3, 1928

Este trabalho, nascido em *cavaco* (1) d'alguns amigos, foi fruto d'uma noite: sahi-nos da penna para o prelo; por isso sirva-nos de desculpa a algumas imperfeições, o pouco tempo de que podemos dispor, e juntamente a boa vontade do auctor.

A ti, meu caro Motta, agradeço-te do coração o favor, com que annuiste á illustração do—Poemeto—accedendo ao meu pedido, assim como aos dos outros amigos, que o mesmo te rogaram.

Ferreira.

(1) Phrase academica.

I

Ignoto Deo



IGNOTO - DEO

INVOGAÇÃO

Musa, eu quero ir ó gigantesco enleio
 Dos litt'ratos, que chamam de *mão cheia*;
 Eu quero o meu candil levar em punho
 Á festa, que de si é uma *epopeia*.

Por isso, ó Musa, ó nume encantador!
 Ó sombra indefinivel de mulher!
 Não me deixes a mente aqui dormir,
 Leva-me á festa, quero lá *viver*.

Vem, tu, que a tantos gloria has dado e nome,
 De papoulas a minha fronte ornar.
 Vem tirar-me das varzeas do Mondego,
 E dá-me inspiração, quero cantar.

Lá n'esse patrio lar de *rouxinoes*
 Quero meus carmes no *arrabil* tanger.
 Leva-me, musa, leva-me um cantor
 Que eu sinto o genio minha mente encher.

E ha de, qual *balão* em dia *tenebroso*,
 Subri ate sumir-se pelos ceus;

Encherá a eternidade, o espaço, tudo,
E offuscará esses litt'ratos — *pygmeus*.

É um cego que o caminho lhes aponta !
E os leva pela mão p'r'o *seu* altar !
Cordeiros *innocentes*, d'outras eras,
Que vão de *sancto* a capa alli buscar.

Satellites d'um sol, sem vida e só !
Qu'espargem apénas moribunda luz,
Como hão de atravessar constellações
Tão ricas de fulgor, que mui seduz ? !

Não podem como as aves agoureiras,
Cantar lá d'alta torre em noute escura,
E dar a quem pertence o gonzo immenso,
Que o futuro nos dá de luz tão pura ? !

Que importa o caminhar da vaga ardente ?
Não vae ella nas praias repousar ?
Que importa, pois, tambem a luz d'um foco,
Se vae n'outro mais forte a luz findar ?

É vaga aspiração de gente tosca
Querer lyrios colher n'um matagal !
E desfolhar as rosas tão mimosas !
Pr'a dar-nos um carvão, *puro crystal* ! ! ..

.....

Acaso achareis vós tão bello gosto
Aos frutos *succolentos* d'um *pinheiro*,

Que não vejaes, por trás d'escura rama,
Caminhar a *rapoza* ao galinheiro?

Não creio n'essas cousas n'este sec'lo,
Em que tudo caminha ao *natural*,
Embora esses criticos asseverem
Ser *entrudo* constante em Portugal.

As mascaras de cêra duram pouco,
Das outras é mui fraco o seu cartão:
Hão de os *bailes* portanto ser famosos
N'outras eras d'*amor* e *inspiração*.

Vamos, musa, porém, a outros destinos,
Mais franca seja, pois, nossa missão;
Subâmos pela escada do bom senso,
Que importa a gargalhada d'um villão (1).

Agora, minha musa, á festa vamos
Dos litt'ratos, que chamam de *mão cheia*;
Eu quero o meu candil levar em punho
Á festa, que de si é uma *epopeia*.

(1) Descortez. A carapuça é para quem serve: é elastica.



II

Sit luss...



SIT - LUX

II

A MUSA — SABOIA

Adeus, minha musa qu'rida,
Vens hoje tão festival ;
Trazes as faces tão lindas
Como a rosa no rosal.
Onde vaes tão elegante,
Mimosa como o zagal?—
— *Venho dar-te este meu braço,*
Quero ter uma rival.—

Se tu és tão donairoza
Nas tuas vestes singelas,
Como podem captivar-me,
Captivar-me as mais donzellas,
Se eu não gosto d'atavios,
Nem bellezas, que tem ellas?
— *Póde ser ; mas lá no ceu*
Ha inda tantas estrellas.—

Eu não quero, minha musa,
'Star sujeito á lei fatal,
Pois é crime tão horrendo!
O pensar bem no ideal:

E depois *mestre* Castilho
Se nos manda p'r'o *hospital*?!
— *É desgraça na verdade!*
Pelletan não lhe quer mal.—

Oh! como vens conceituosa
D'essas phrases no vestir!
Juntas mais á galhardia,
Tanta prenda, esse sorrir...
Quero, pois, amar-te; e muito
Á força do meu sentir.
— *Mas eu sou tão singelinha,*
Tenho no campo o existir!—

Mais viveza em ti encontro,
Mais pureza em teu amar;
O crepusc'lo da cidade
É vaidoso em seu cerrar;
E os prazer's, que lá s'encontram,
Vão como a brisa do mar.
— *Quer então amar-me muito,*
Quer levar-me ao seu altar?—

Porque não, mulher festiva?
Has de dar-me o teu abraço,
E inspirar-me n'essas tardes
Em que o sol é já mui baço,
E se perde no horizonte
Como a nuvem n'esse espaço.
— *Porque não, meu anjo lindo?*
Vamos ambos pelo braço.—

Tu has de ir comigo á festa,
Como a mariposa á flor,
Has de lá n'essa *folgança*.
Fazer de mim trovador.
Tu não sabes quanto é bello
Ser inspirado d'amor?!
— *Vamos primeiro ao mercado,*
E depois serás cantor.—

Vamos primeiro ao mercado?
Vamos lá, minha cecem.
Tu que levas no cestinho?
Levas ovos ao vintem?
Ou então são alguns *patos*.
Que vaes ver se quer alguém?
— *Não senhor; é outra cousa,*
Muito me'hor, muito além.—

Diz-me cá: então são *uvas*,
Ou de *Baccho* o seu primor?
Eu não divulgo o segredo
Em paga de tanto amor.
Diz-me então se são *gallinhas*,
Se são *rosas* sem olor?
— *Não senhor; são outras cousas:*
São livros de trovador.—

São abortos d'estes tempos,
Que vaes á praça vender?
Cuidas tu ser isso lindo?
Ser officio de mulher?

Pois, musa tão feliz
Não deve d'isso fazer.
— *N'esse caso ahí vão p'ra lama,*
Ahí vão p'ra quem quizer.—

Tens agora mais feitiços
Ao nascer d'esse desdem :
Olha, pois, para os *taes livros*
Como não quel-os ninguém :
E tu, musa, tão contente
Com valor nem d'um *vintem*.
— *Ora, adeus ; deixamos isso ;*
Caminhámos mais p'ra além.—

.....
.....
.....

Minha musa, 'stamos juntos
Da *cigarra* e da *folgança* :
É aqui onde os *litteratos*
Tem *firmada* a sua esp'rança :
E tu, musa, dá-me cantos,
Dá-me o escudo, dá-me a lança...
— *Ora, pois, espera um pouco,*
Vamos ver a contradança.

~~~~~



### III

**Mons parturicens...**





# MONS PARTURIENS



### III

#### O PARTO

Estendeu seu manto a noite;  
O sol escondeu o brilhar;  
As trevas são o que reinam;  
A luz perdeu-se pelo ar;

As estrellas que o ceu tinha  
Perderam todo o fulgor;  
Os echos emmudeceram;  
A terra não diz amor;

A corrente perdeu o brilho,  
Voltou á fonte natal;  
As flores seccaram todas,  
Seccaram todas no val' ;

O sol escondeu a fronte,  
A lua seguiu-o tambem;  
Os astros se sepultaram  
Nas trevas que o mundo tem;

As aves já não tem canto,  
Tem medo da solidão ;

A terra já não responde,  
Não falla á voz do trovão:

É tudo negrura immensa,  
Ou cataclysmo infernal;  
Oh! é ave que, perpassando,  
Nos trouxe o genio do mal...

.....  
Mas, emfim, lá vem cahindo  
Um espectro n'amplidão;  
Oh! que fórmas nunca vistas  
Que elle traz! que negridão!

Tudo treme! n'esse instante  
Parece o mundo acabar;  
Ou já o céu que pouco a pouco  
Quer sobre nós repousar.

Oh! que gritos! que soluços  
Solta o filho junto á mãe!  
Ao ver perto o grande abysmo,  
Que vem buscar-o tambem.

O *pisco* levanta as pernas  
Para sustentá-lo no ar;  
As aves vão timoratas  
Com *elle* se nivelar.

Outros fogem para a fralda  
Do monte que sobe ao céu;

Outros, emfim, tomam *armas*...  
*Arcabuzes*... que sei eu?

Tudo busca um doce abrigo...  
Querendo mata-lo no ar;  
Mas o espectro vem descendo  
E mui suave em seu andar.

E quando todos attentos  
Fitavam triste a visão,  
Uma rajada de vento  
Arremessou-a pr'o chão.

Nas alturas de Lisboa  
Parou ella, azas abriu:  
Desprendeu mil *gafanhotos*!  
Cousa assim nunca se viu!

Tinham fórmas mais que humanas  
Pois algumas nunca as vil  
Uns cavallos com taes azas!  
Voando tanto por si...!!!

E depois, como voavam!  
P'ra terra tanto a descer!  
Estas cousas, tão confusas!  
Nunca as pude comprehender.

E tambem já na cidade  
Desgraças aconteciam,

Que gritos da turba tremula !  
Que soluços lá se ouviam !

Os *pinheiros*, cuja fronte  
Tinha ainda algum verdor,  
Largaram da terra as pernas,  
Galopavam com fervor.

Mas que pobres ! na viagem  
*Maceraram face linda !*  
Mas qu'importa se chegaram  
Com elles á festa infinda ?

Chegaram junto da *olaia*,  
Onde a *cigarra cantava* ;  
Pasmaram todos viventes ;  
Era o saráo *começava* .

E a minha musa atrevida  
Fugiu de junto de mim...

.....  
Pois hei de lhe dar *pateada*  
Se a ouvir fallas por fim.





# IV

**Loss fund**





# LUX FUIT



## IV

### O SABÃO

Era um dia de festa.

Pelos ares

Já nada havia d'esse drama, que  
Causára tanto horror: era mui linda,  
A côr nova que nascia no horizonte,  
Como a aurora, que após a tempestade  
Vem, mimosa actriz, lá por sobre as serras  
Dar vida ao mundo todo que a anhelava.

O espectac'lo que os ar's tinham contido,  
Passou de negridão á luz do dia ;,  
E as aves que, nas pernas do tal *pisco*,  
Buscaram a guarida á eternidade,  
Já nas franças das arvores s'erguiam,  
Soltando seus cantar's, todos festivos.  
Já mui perto d'*olaia gigantesca*,  
Onde a *cigarra* desprende sua *chiada*,  
*Ensinando moral, philosophia*,  
Estava *um certo vulto*, mui sombrio !  
(E d'alampada na mão como Diogenes !)  
Soltando algumas phrases pouco ouvidas.  
Mesmo assim, como apito em larga praça.

Ou de folles qual gaita d'*espavento*,  
Ou mesmo o somi alegre d'um pandeiro,  
Juntou em volta a si com mil gaifonas  
Um sem num'ro de ser's, *todos galantes* :

Chegaram *patoz*. Gallos e *gallinhas*  
Subiram a um poleiro que ali 'stava,  
E já d'altiva frente, qual *cegonha*  
Ensinaram o *seu mestre*, lá *piaram*.

Mas não termina aqui o ajuntamento,  
Porque lá fóra, longe, n'um *roçado*,  
Vem mettido, qual *cesto d'azeitonas*  
Na trouxa d'um gallego *mui sebento*!  
Patusco, que se diz ser um *litt'rato*.

Parou, por fim, á porta sem convite;  
Mas o *mestre*, que a *tudo* dera entrada,  
Levantou-se do banco de *cortiça*  
E foi levar a mão ao seu conviva.  
Depoz ali gallego o longo *fardo*,  
E foi ás gargalhadas no caminho  
'Sperar um passageiro á *barca* sua.

Soou por fim a hora.

Disse o *mestre* :

«Está aberta a sessão.»

— Peço a palavra. —

Disse um.

— Quero fallar —

Disse outro além.

— Os meus versos não ficam no *tinteiro* —  
D'além mais outra voz soou tremente.

Na *balburdia* immensa, que nasceu  
Dos litt'ratos, que qu'riam fallar juntos,  
Tocou *mestre* d'enfado a campainha.

Cada um fallou, por fim, por ordem sua,  
Abraços recebendo ao *mestre ingente*,  
Como em honra e louvor da *nova fama*  
Que de vós ha de encher vossa Lisboa.

De *Magalona* contam cousas raras,  
De *Filinto*, sei eu, nada disseram;  
Mas de *Carlos*, o *magno*, o *grandioso*,  
Como de moura e fadas contos *bellos*,  
Foi, emfim, o que lá *muito cantaram*.

Era a hora em que o saráo já se finava,  
E os pegasos olharam para o ceu;  
Mas em paga *d'amor e de saudade*  
A todos quer dar — *mestre* — uma lembrança,  
Pintando-lhes nas costas, n'um abraço.  
*As armas... que já muitos captivaram*.







## Caro amigo

Na tua obra nada mais sou que o pobre official executando as instrucções recebidas. Li, e procurei dar vida a pensamentos mais expressivos do que esses traços lançados sobre a pedra, a teu pedido. É pequena ou nulla a gloria, que me cabe; mas, não tendo a louca pretensão de *preparar uma estrada larga para eras novas*, não me curvarei para apanhar a luva, lançada ás cegas pelo *apos-tolo* do progresso futuro. A minha *cigarra* nunca me aconselhou a rebaixar o que já applaudi em publico, a achar falta de *bom-senso* e *bom-gosto* onde já encontrei *esperunçosos talentos!* (1) é que a minha não canta na *copa da olaiu*; mas na consciencia, que sempre terá repugnancia ao ver, tanto *contra-senso* e *ignorancia* do *presente*, em quem se appellida o guia do *bom-senso* e do *futuro!*..

Já disse que no *Poemeto* só tenho uma pequena parte material; e não quero mais. Não me ferem aquellas balas de papel, por que não tenho aspirações litterarias (?), e, que as tivera bem fundadas, não me occuparia em *tosquear camélos!*.. Não!.. porque, a responder ás suas *judiciosas arguições*, pedir-lhe-hia emprestada ou a lingua-gem de *regateira*, ou do *ridiculo*, unica digna de seus *espirituosos epithetos*.

.....  
Desculpa, amigo, estas involuntarias digressões. Vou dar conta do meu trabalho.

(1) D. Jayme. Carta-Castilho. pag. LXXVI.

A primeira estampa é anterior ao *Poemeto*. Imagino-te na solidão, perseguido por um genio galhofeiro, que mostrando o nome de teus collegas te faz conceber esse *gigantesco enleio*, para que pedes á *ignota musa* te guie.

A segunda é a expressão mais fiel, que pude dar aos dous versos:

— N'esse caso ahi vão para a lama,  
Ahi vão p'ra quem quizer.—

Para a terceira escolhi os versos:

Uns cavallos com taes azas!  
Voando tanto por si...!!!

Só vesti por minha conta o *mestre* com a tunica de Apos-tolo, e puz-lhe na mão a lanterna de *furta-fogo* com que esclarece o futuro, deixando o presente em trevas. Nas costas estive para lhe collocar a *lanterna magica*, com que faz surgir do pó as *sombras* dos poetas, que já foram; mas o receio de espantar os *cavallos*, que o seguem, e ficar o *pagode* em meio, fez-me desistir. Fique só a intenção!.. Os que *pede (ac pectore) calcante* contemplan os astros são faceis de reconhecer.

Na quarta, a que serve de thema o verso:

Abrços recebendo ao *mestre.ingente*,

talvez se note a falta da musa; eu tambem a não achei. Provavelmente a tal *sulota* mettu-se na cabeça do Sr. Castilho.

Concluirei pedindo a devida venia, por não pintar bem, a ti, os *bonecos*, para que além de genio me faltou o tempo; ao Sr. Castilho a sua *olaia* e *cigarra de Anacreonte*!..

Teu...

J. S. Motta.